

Caros autarcas da Assembleia Municipal, da Câmara Municipal e das Assembleias de Freguesia e Juntas de Freguesia.

Caros Amigos

Minhas Sras e meus Srs.

Um bem haja a todos.

Cabe-me a mim iniciar o conjunto de discursos que irão escutar nesta sessão. O tema de todos eles não poderia deixar de ser o 25 de Abril de 1974. A data que hoje comemoramos.

Podia falar-vos das conquistas do 25 de Abril

O fim da guerra colonial, e o direito à independência dos povos colonizados (finalmente a tão almejada Paz)

A conquista da liberdade de expressão e de pensamento

A Liberdade de reunião, associação, organização política, liberdade sindical e o direito à greve

O salário mínimo nacional e a igualdade de direitos e de oportunidades. Direito ao Trabalho e o direito à reforma.

O serviço nacional de saúde (que alguns dizem estar sob ataque e outros dizem estar a ser salvo do colapso e a ser garantida a sua perpetuação)

A legalização dos partidos políticos, as eleições livres e o direito ao voto a todos os cidadãos com mais de 18 anos.

Podia falar-vos do direito à justiça e independência do poder judicial.

Do Poder local democrático

Do direito à Educação, à cultura, à habitação.

E tantos, e tantos outros honestos anseios que o 25 de Abril de 1974 veio cimentar .

Outros aqui presentes saberão certamente falar de forma mais eloquente do que eu sobre o 25 de Abril.

No entanto, e se me permitirem, gostava de vos contar uma história.

Um pedaço da minha história (que se cruza com tantas outras histórias)

Em 25 de Abril de 1974 eu tinha 7 anos e andava na 2ª classe, aqui ao lado no Penteado.

E podem vocês perguntar o que foi o 25 de Abril para um miúdo de 7 anos que andava de calções e se devia ocupar a jogar ao pião e outras coisas semelhantes?

Pois é... é que nem todos somos iguais... eu senti um enorme alívio como se acordasse de um sonho muito mau.

Na realidade, para mim o 25 de Abril começou antes de 1974.

Nessa altura eu e minha família vivíamos em Lisboa num quinto andar pombalino muito perto da Praça do Comércio.

O meu pai já tinha 50 e muitos quando eu nasci. Tive o grato privilégio de ter um pai idoso e com a paciência e a sabedoria que só a idade traz.

Ensinou-me a ler e a escrever quando eu tinha 4 anos. Era um miúdo espertito, e muito curioso. E simplesmente adorava escutar as conversas dos mais velhos. Achava delicioso. Eles nem ligavam ao miúdo ali ao lado e falavam sem reservas numa altura em que não se podia falar de tudo...

Nessa altura eu já sabia que Portugal era imenso e que havia muito mais Portugal para além do pedaço colado a Espanha. E que esse imenso Portugal estava em guerra e era essa a razão pela qual uma boa parte da minha família estava de regresso de Angola.

Sabia que quem mandava era um Sr. chamado Marcelo Caetano pois um outro Sr. chamado Salazar tinha já falecido.

Lá por casa falava-se do Dr. Marcelo Caetano como alguém incapaz de parar uma máquina colossal contra a qual era urgente lutar.

Sabia que não se podia falar de tudo. E que existia uma polícia de estado chamada PIDE.

Temia-se pela minha prima Beatriz que estava particularmente ativa a intervir na sombra longe dos olhares da PIDE.

E temia-se sobretudo pelo meu tio Antunes. O meu tio 'Norton' (como me habituei a chama-lo), que vivia uma vida perigosa. Era caixeiro viajante e assistia a reuniões da PIDE. Quando nos visitava ficava sempre pouco tempo.

Em 1973 deixou de vir, foi preso pela PIDE (ele era um infiltrado).

Foi libertado em 26 de Abril de 1974, quase cego e com um colarinho para lhe segurar o pescoço.

O 25 de Abril é também de tantos e tantos tios Norton, esquecidos e negligenciados, mas que em ultima instância deram a própria vida pelo que hoje nós (que mesmo não tendo tido qualquer participação) assumimos e reclamamos como direitos nossos. Gostava de vos pedir que neste dia não olhassem apenas para as figuras mediáticas das quais a história costuma falar,

e que não esqueçam estes bravos homens e mulheres. Os tios (tias) Norton do nosso Portugal. Eles bem merecem.

Após o 25 de Abril a minha professora primária, que antes ouvia rádio bem baixinho, agora colocava o rádio audivelmente mais alto. E como eu me deliciava com tudo o que ia ouvindo.

Recordo vários momentos.

Um deles foi a formação de um novo partido em 6 de Maio de 74 (o PPD , faz também 40 anos este ano) fundado por Francisco Sá Carneiro, um homem de centro esquerda e cujos princípios subjacentes inerentes á fundação (a meritocracia, a igualdade de oportunidades, a proteção das franjas mais frágeis da população) se confundem com os do próprio 25 de Abril.

Fazia todo o sentido que assim fosse, e hoje mais do que nunca esses propósitos continuam válidos.

Um outro momento foi o funeral do soldado Luís morto no Regimento de Artilharia de Lisboa (RALIS) em 11 de Março de 1975, supostamente com um tiro de G3 disparado de um Helicóptero.

A liberdade é uma conquista do 25 de Abril. A conquista da democracia teve de esperar ainda 1 ano e 7 meses.

Hoje, passados todos estes anos, vivemos tempos conturbados e de grande sacrifício.

Muito embora o INE tenha vindo a colocar cá fora indicadores muito promissores é bem verdade que ainda não sentimos nas nossas vidas os resultados de todas as dificuldades que sobre todos nós se têm abatido.

Não devemos desmorecer.

Ainda existem e vão continuar a existir os que fazem política como ela deve ser feita, para as pessoas, visando um bem comum.

Esse esforço prevalecerá e tocará as nossas vidas.

Depois deste governo outro lhe seguirá. E após esse outro ainda virá. Ao nível Nacional e também ao nível local.

E tal acontecerá por vontade do nosso povo, o 25 de Abril de 74 na pedra assim o escreveu.

Hoje é 25 de Abril, mas também é 24 e também é 26.

O passado que nos trouxe até aqui e o futuro que quisermos em liberdade construir.

Viva o nosso Povo e as nossas Gentes

Vivam as justas aspirações que emanaram do 25 de Abril

E acima de tudo, VIVA PORTUGAL